

NÃO FAZER NADA

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA (*)



Neste verão estive relendo a vida de Santa Teresinha do Menino Jesus.

Era uma dessas velhas dividas minhas comigo mesmo. Elas são sempre as mais difíceis de pagar. Após a passagem do ano, fui passar uma temporada na praia, convidado por um amigo. Ali encontrei alguns conhecidos, em geral "ricos e modernos". Eles também liam seus best-sellers de verão, beira-mar. Meu livro causou uma visível estranheza. Até uma certa perturbação. Sem dizer nada, eles olhavam — com curiosidade — para a capa em que figurava aquela santinha com seu sorriso malandro e bochechas cor-de-rosa.

Um dia, um dos convidados — empresário de sucesso no ramo veterinário — me abordou. Primeiro, ele me perguntou se eu estava lendo a vida "desa santa". Era óbvio. Respondi que sim. Então, ele me perguntou o que ela fez na vida, neste mundo. Respondi com muita firmeza: nada! Ele ficou intrigado e não aceitou minha resposta.

— Mas como? Para ser considerada uma santa ela deve ter feito milagres ou coi-



sas extraordinárias em sua vida. Ainda mais ela, que é conhecida.

— Nada, respondi mais uma vez. — Nada além de ajudar na cozinha, na lavanderia etc.

Então ele perguntou:

— E, é santa?

Eu lhe disse que sim, uma das mais veneradas no Brasil, com direito até a música infantil: "Teresinha de Jesus, numa queda foi ao chão..." Ele ficou em silêncio. Ficamos longamente em silêncio, lado a lado, contemplando o mar e ouvindo seu rugido. Depois de um certo tempo, ele me disse:

— Sabe, neste final de ano eu andei revisando minha vida e tudo o que tenho feito nesses anos todos.

Eu pensei que ele fosse me falar de suas realizações, de seus casamentos e filhos, sucessos, expectativas e projetos. Mas não. Após um breve silêncio, como que suspirando, ele completou em tom de tristeza:

— Cheguei à conclusão de que até hoje eu não fiz nada, nada em minha vida.

— Você é uma alma gêmea desta santinha.

Ele se espantou um pouco com meu comentário. Apresentei-lhe Santa Teresinha. Recordamos que, como na canção infantil, muitas vezes de uma queda vamos ao chão. As quedas são muitas e o vaso se quebra em pedaços. Muitas pessoas conseguem pela dedicação, pela auto-análise e até pela psicanálise recuperar e colar cada pedacinho de seu vaso. Esse caminho é fantástico. Mas a via da Graça de Deus é outra. Um vaso restaurado — olhado de perto — mantém as cicatrizes e as marcas das rupturas. A consciência inclusive avisa da fragilidade de certas emendas que não devem ser submetidas a tensões ou tentações, sob o risco de se romperem de novo. Pela Graça, Deus não somente nos limpa, nos perdoo, nos acolhe, mas também nos recria. Transforma-nos

num vaso novo. A força recriadora da Graça nos transforma em novas criaturas, superando presentes e passados, por mais distantes e esgarçantes que tenham sido. A Graça de Deus não concerta nem restaura, recria. E o que é mais extraordinário: o faz respeitando nossa natureza. Prepara para o hoje e o amanhã. Esse poder sobrenatural, ao longo da história, permitiu a muitos indivíduos superarem completamente, neles mesmos, o que parecia absolutamente impossível.

Para obter essa energia, para ascender a esse Mistério, é necessário o silêncio. O jejum das palavras. Bem mais difícil que o das calorias. Quase que por oposição ao caminho psicanalítico. Quantas vezes o silêncio, a meditação e a oração nos mostram que não fizemos nada quando achávamos que fazíamos tanto. Recomeçar uma vida parece difícil. Mas a Trindade nos acode. Demos nossa mão ao Espírito Santo. O Espírito de Deus nos inunda. As decisões serão mais lúcidas, mais definitivas, mais felizes e cheias de Graça. A Graça de Deus descomplica nossa vida. Ela não exige nada. Talvez o mais fundamental nesta vida seja a mesma descoberta evocada por Santa Teresinha: "Senti que a única coisa necessária era unir-me sempre mais intimamente a Jesus, o resto me seria dado por acréscimo. Com efeito, minha esperança nunca se iludiu" (MA C 22).

— Entende, amigo?

Ele balançava a cabeça. O sol nos inundava de luz. O mar mantinha seu rumor de alerta. Um perfume de rosas passava sutilmente por nossas almas.

(*) PROFESSOR DA USP, PESQUISADOR DA EMBRAPA E DA ECOFORÇA. É AUTOR DO LIVRO **ÁGUA, SOPRO E LUZ — ALQUIMIA DO BATISMO**, EDIÇÕES LOYOLA.